**EDIÇÃO**
PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação
Av. Praia da Vitória, 14 A – 1000-247 LISBOA
Tel: +351 213 511 448
pactor@pactor.pt
www.pactor.pt

**DISTRIBUIÇÃO**
Lidel – Edições Técnicas, Lda.
R. D. Estefânia, 183, R/C Dto. – 1049-057 LISBOA
Tel: +351 213 511 448
lidel@lidel.pt
www.lidel.pt

**LIVRARIA**
Av. Praia da Vitória, 14 A – 1000-247 LISBOA
Tel: +351 213 511 448
livraria@lidel.pt

Copyright © 2023, PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação
® Marca registada da FCA PACTOR Editores, Lda.
ISBN edição impressa: 978-989-693-162-9
1.ª edição impressa: agosto de 2023

Paginação: Carlos Mendes
Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense, Lda. – Lousã
Depósito Legal n.º 519619/23
Capa: José Manuel Reis
Ilustração: Joana Parente

Todos os nossos livros passam por um rigoroso controlo de qualidade, no entanto, aconselhamos a consulta periódica do nosso *site* (www.pactor.pt) para fazer o *download* de eventuais correções.

Não nos responsabilizamos por desatualizações das hiperligações presentes nesta obra, que foram verificadas à data de publicação da mesma.

Os nomes comerciais referenciados neste livro têm patente registada.

SEJA ORIGINAL! DIGA NÃO À CÓPIA
RESPEITE OS DIREITOS DE AUTOR

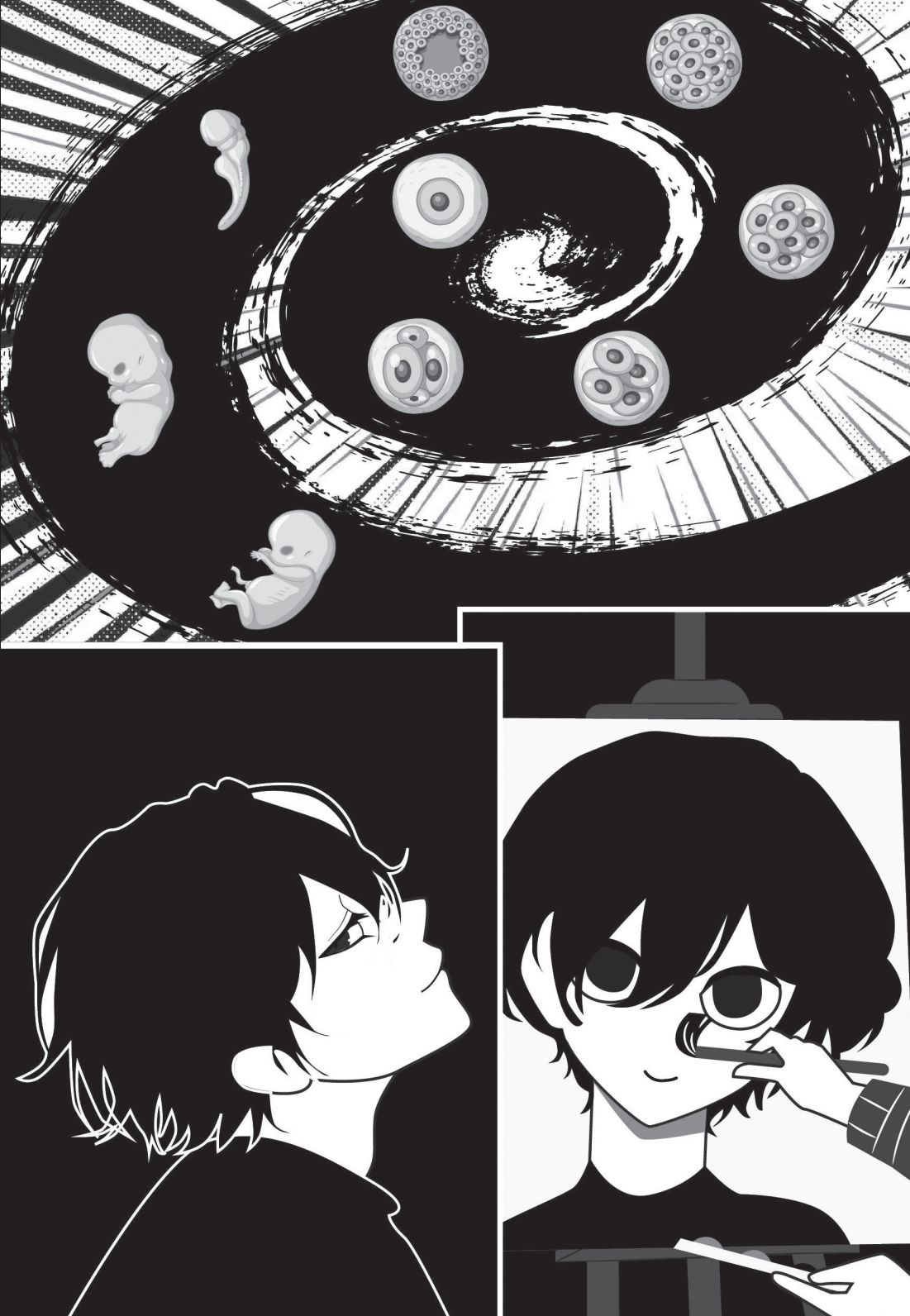
Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, digitalização, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação, sítio *Web*, blogue ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora, exceto o permitido pelo CDADC, em termos de cópia privada pela AGECOP – Associação para a Gestão da Cópia Privada, através do pagamento das respetivas taxas.

# Índice


| | | |
|---|---|---|
| 1 | Sete dias | 7 |
| 2 | O recado | 17 |
| 3 | O homem da lanterna | 27 |
| 4 | Génios | 45 |
| 5 | Olhos de Lua | 57 |
| 6 | As horas e o piano | 69 |
| 7 | O espelho | 77 |
| 8 | O Lápis de Cor | 87 |
| 9 | O grão de café | 95 |
| 10 | Anel e Capim | 107 |
| 11 | Na pele | 117 |
| 12 | *Jesusalém* | 129 |
| 13 | O mundo dela | 141 |

# 1

## Sete dias



*Eurico tinha uma mão demorada e uma mente complexa. Tinha nascido prematuro e foi-lhe diagnosticado um ritmo de desenvolvimento cognitivo diferente.*

Esta é a história de Eurico. O mundo dele foi criado em sete dias. Uma criança de seis anos com uma mão demorada e uma mente complexa, mas com uma missão fantástica: construir o mundo em sete dias, duas horas por dia. Entre o útero e o mundo, Eurico nascera um pouco mais cedo. Isto deu-lhe um poder: ter todo o espaço para si e poder desenhar nele além das margens, para aprender a encurtar os caminhos. Aos seis anos, não tinha noção do espaço, talvez porque a sua mente era maior do que as folhas, pautadas ou de linhas ausentes. Eurico era um sonhador sem margens!

Tinha nascido prematuro e foi-lhe diagnosticado um ritmo de desenvolvimento cognitivo diferente. "Prematuro"… uma palavra apenas para dizer que uma criança veio mais depressa ao mundo. Fazia os preparativos das formas dos homens, da natureza e de todas as coisas. E criava os valores humanos, em cada dia. Durante duas horas criava, na tela, o mundo como se fosse a narração do início da vida. Foi aprendendo as margens e os limites das coisas. Duas horas em cada dia.

No primeiro dia, o mundo do Eurico, no papel, começou estranho e com poucas formas. Depois, apareceu uma pessoa. Continuava o desenho estranho e

@ pactorkids

distante, como um bebé no útero que se procura tocar e desenhar, mas não há ainda um nome para lhe dar. Ainda sem forma completa. Com o nome veio a imagem.

Tic-tac, duas horas passaram.

O Sol lá fora vai beijar o mar e promete-lhe voltar. O mar adormece embalado na promessa do Sol. E ele vem de manhã como um nome, vem para chamar um novo ser. Uma promessa de ser vida. O mar acorda a água azul e, juntos, fazem cores primordiais.

Cores, linhas, traços. Nomes e conceitos.

O Eurico gostava muito de ver o mar. Tocar nele para lhe sentir a cor.

– Cheira mesmo a azul! – Costumava dizer de forma lânguida e com os olhos fixos na água. – Mas tem algo mais… cheira-me a um bocadinho de amarelo.

Olhou para cima e viu um grande Sol. Levava as memórias do cheiro e conservava as cores na sua paleta escondida por detrás dos sentidos dos dedos. E gravava na memória as formas das ondas do mar e do círculo escaldante do Sol. A cada dia aprendia novas formas e contornos, guardava tudo para desenhar no dia seguinte. Mas o Eurico sentia-se muito ansioso porque a mão demorava a fazer o risco e o mundo tinha tantos desenhos

# 3

# O homem da lanterna

*Mariah era uma menina refugiada. Refugiada foi o adjetivo que reconheceu como seu nome. O novo nome que doía e que lhe chamaram várias vezes, em várias fronteiras.*

Mariah, aninhada dentro de um barco preso à água desnorteada do mar e cheia de frio fez um pedido envergonhado ao Sol. Era noite, mas ela tinha a certeza de que quando o Sol nascesse iria ouvir o seu pedido.

Será que o entenderia?

E se ele se zangasse com ela? Era um pedido forte. O mundo, agora longe dos seus olhos escuros e arregalados, estava em guerra e todos estavam fracos e débeis. Todos os do seu barco.

A guerra é uma coisa confusa e Mariah, sentia que todos estavam zangados consigo e com a sua família. Com todos os do seu país, na verdade. Pensou que ela e os que estavam na sua companhia tinham sido expulsos do planeta azul por tentarem pedir a paz e o amor. Estavam todos esfomeados de paz e até o mar parecia furioso. Mariah estava muito confusa. Como se pede paz no meio da guerra dos homens grandes?

Talvez agora, inocente de atos alheios, vivesse do outro lado do Sol, daí não avistar mais a terra. Não tinha bússola, nem relógio. Quase nada. Estavam, todos, tão longe do recomeço.

Mariah ficava absorta neste pensamento que lhe parara os dedos anteriormente agitados pela vontade.

@ pactorkids

Mas, o que queria a misteriosa Mariah? O Sol ia demorar a chegar, a Lua ainda há pouco tinha acabado de se acomodar entre as estrelas do céu. E ela via todos estes movimentos celestes porque há muitos dias que vivia dentro de uma morada a céu aberto, com o mar como chão. Era uma casa feita de mar, pensava ela.

Mariah era uma menina refugiada. Refugiada foi o adjetivo que reconheceu como seu nome. O novo nome que doía e que lhe chamaram várias vezes, em várias fronteiras. Depois de terem deixado as linhas da terra, a menina e outros refugiados embarcaram no mar. Um senhor mais velho conduzia-os à nova casa. Ele tinha a pele bonita, mas a expressão era tão triste. Mariah mirava muito o timoneiro porque ele tinha água na cara, na maioria das vezes. Ela duvidava se eram lágrimas ou se eram as gotas salgadas do mar. Não se atreveu a perguntar pois o homem raramente tirava os olhos frios da linha do horizonte. Uma linha que mal se reconhecia, fosse dia, fosse noite.

O barco onde viajavam não era forte, mas agora só existia o verbo "ir". Não podiam ponderar voltar atrás. Não era permitido, nem a ela, nem aos que restaram da sua família. Doía muito, na pele por causa do

# 8

# O Lápis de Cor

*Diziam constantemente ao Tiago que tivesse calma, que falasse devagar. Tinha oito anos e não compreendia porque o mandavam estar quieto e mais silencioso.*

– Para, tem mais calma. Fala devagar!

Tiago ouvia isto constantemente. Tinha oito anos e não compreendia porque o mandavam estar quieto e mais silencioso. Costumava responder com humildade:

– Não consigo, o Lápis não deixa!

Tiago tinha um amigo igualmente especial como ele. Era o Lápis de Cor e este Lápis era diferente, mágico. Porque era um Lápis vidente, adivinhava as cores e as intenções do Tiago enquanto desenhava. Mas era um segredo só deles os dois. Era o acordo de amizade que tinham.

– Posso desenhar?

O Tiago acalmava quando desenhava e a professora já o sabia. Tornou-se muito próxima dele, mas nunca desconfiou que existia um Lápis amigo por perto, a ajudar o menino. Autorizou o desenho porque sabia que, logo depois, viria um novo Tiago, mais atento e que aprendia com mais velocidade.

Tiago concentrou-se na folha branca como se estivesse a entrar noutro mundo. O da magia. Ouviu algo, abriram-lhe a porta através da folha branca.

– *Psst*, vem comigo! – Encorajou o Lápis de Cor.

@ pactorkids

Era um Lápis roliço e simpático. Dominava cores e linhas, tinha ar de artista. Meio distraído, mas muito esperto.

De repente, Tiago sentiu-se pousado no cimo de uma colina e olhava para uma paisagem que lhe era algo familiar. Estava no meio, como se fosse o centro de um relógio sem ponteiros. E o Lápis tinha uma outra qualidade, rodava como se fosse um bailarino e acontecia uma cor. A cor que o Tiago queria ou pedia.

– Dás-me amarelo? Preciso tanto de amarelo! – O Lápis, muito obediente, dançou e fez-se amarelo bonito na folha. O Tiago gastou todo o amarelo.

– Tiago, estás a desenhar um arco-íris? Vejo tantas cores como num arco… parece-me um arco! – O Lápis parecia um artista de circo e, de bico para cima, quase fazia o pino para tentar entender o que o menino desenhava.

– Lápis… – Pedia o menino com um ar muito focado – Podes dançar de novo e ser azul? Azul forte como a água?

Sem esperar, o Lápis rodou logo sobre si próprio e parecia que um mar se formava à sua volta.

# 11

## O mundo dela

*Vera tinha uma forma especial e rara de ver o mundo. Fechada dentro de si e dos seus desenhos, gostava de inventar amigos imaginários. A verdade é que tinha muitos "eus" e iria crescer com eles.*

– Onde está o meu "eu"? – perguntava Vera, arreliada, enquanto percorria, ansiosa, os recantos da casa onde havia espelhos.

– Não sei de mim, onde estou? – Vera parava agora em frente a um espelho maior e mais antigo enquanto era observada pela mãe. A mãe observava a Vera que observava o espelho que observava o "eu".

Vera tinha uma forma especial e rara de ver o mundo e de ver o seu lugar nele. A mãe aproximou-se como uma brisa:

– Vera, o que se passa? – A menina sacudiu o braço que a mãe lhe agarrara com doçura. Vera desconfiava sempre de todos, tinha receio da maldade humana e mesmo dos próprios animais. Demorou alguns segundos a refazer o gesto. Foi a vez de ela resgatar a mãe pelo braço, gentilmente, e responder, como que pedindo ajuda:

– Mãe, estava à procura do "eu".

– O teu "eu" está aqui – respondeu a mãe, enquanto premia levemente o peito da Vera, ao que ela respondeu com um sorriso não mais do que apenas cortês.

– Só aí? Mas eu não posso ter um "eu" grande?

@ pactorkids

**Isto não é apenas um livro. É um atlas de histórias que abrem portas para todo o Mundo.**

**Descobre, encontra-te, chama pelas personagens e abraça as diferenças que fazem de ti um ser humano único.**

*Eurico tinha uma mão demorada e uma mente complexa. Tinha nascido prematuro.*

*Catarina mostrava alguma agressividade. Mas não era agressividade, era a adaptação a coisas que eram diferentes.*

*Mariah era uma menina refugiada.*
*Refugiada foi o adjetivo que reconheceu como seu nome.*

*Alice tinha uma imaginação fértil. Preferia confraternizar com os seus génios imaginários.*

*Margarida era invisual. Precisou dos sons, depois das mãos, agora das palavras para se encontrar.*

*Rui tinha de ser levado pela mão, de perto, para fazer a maioria das coisas. Era autista.*

*Inês tinha síndrome de Asperger. Estava entre dois mundos, o dela e o dos outros.*

*Tiago não compreendia porque o mandavam estar quieto e silencioso.*

*O pequeno grão de café afligia-se com as semelhanças das palavras e não conseguia acompanhar a velocidade de leitura dos colegas.*

*Capim tinha os movimentos limitados, mas a cadeira dava-lhe o tempo necessário para observar.*

*O menino sofria com as discussões dos pais.*
*Ficava muito triste quando ouvia os gritos na sua casa.*

*Abib era muçulmano.*
*Não poderia explicar facilmente o tamanho das coisas de uma religião tão diferente.*

*Vera tinha uma forma especial e rara de ver o mundo.*
*A verdade é que tinha muitos "eus" dentro de si.*

ISBN 978-989-693-162-9
9 789896 931629

PACTOR KIDS